

# MEMÓRIAS DE TAPERA: MEMÓRIA E HISTÓRIA DE QUEM RECONHECE SUA ASCENDÊNCIA INDÍGENA, MAS CONSIDERA TUDO QUE É LIGADO A INDIANIDADE ALGO PEJORATIVO.<sup>1</sup>

Brisa Pires Moura – UFRGS/RS

Palavras-chave: Memória; Identidade; Etnicidade.

## INTRODUÇÃO

Aqui discutiremos não só os processos que falam das migrações na região do Vale do Acaraú, trataremos de como as memórias desses deslocamentos afetam o cotidiano e constituem a identidade de quem estava envolvido nesses processos, além da existência de uma guerra que se transforma com o decorrer dos anos, mas é ainda assim a mesma guerra. Partindo do pressuposto de que a guerra travada principalmente entre o estado nacional e diversos grupos indígenas no país, como apontam diversas lideranças indígenas nunca acabou de fato, e na verdade assumiu e tomou apenas novas formas.

Ailton Krenak (2019) uma das mais conhecidas lideranças indígenas do Brasil na atualidade, diz na coletânea de documentários intitulada “Guerras do Brasil”, que nesse país vivemos até hoje uma situação de guerra permanente, e eu não discordo disso de nenhuma forma. Principalmente pelos aspectos pelos quais fui me deparando durante meu trabalho de campo.

Do ponto de vista metodológico, gosto de pensar que esse trabalho vem sendo construído ao longo do tempo, muito antes inclusive de eu entrar no mundo acadêmico, pois ele trata da realidade do município de Acaraú, localizado no litoral Oeste do Ceará, na qual eu fui nascida e criada até a idade adulta. Assim, as ideias contidas nesse trabalho são fruto tanto do meu trabalho de campo, que busca entender um pouco sobre a relação entre memória e ascendência indígena na região, minhas vivências além de minha participação em dois laboratórios de pesquisa enquanto estava na graduação, o Laboratório de Estudos da Violência – LEV/UFC e o Grupo de Estudos e Pesquisas em Etnicidade – GEPE/UFC.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro de 2020.

## A PALAVRA TAPERA E AS MEMÓRIAS DA EXPULSÃO E DA VIOLÊNCIA

Acaraú nos dias de hoje conta com duas comunidades indígenas em seus limites, são elas a comunidade de Telhas e a comunidade de Queimadas, além de ter também na cidade vizinha, Itarema que é mais uma comunidade muito conhecida e que fica na localidade de Almofala. Tanto as comunidades localizadas em Acaraú, como a de Itarema se identificam como pertencentes a etnia Tremembé. Há registros de que o povo Tremembé, habitava desde uma parte do maranhão até parte do Ceará e até hoje são esses os dois estados que abrigam as comunidades que se identificam como sendo dessa etnia.

Acredito que muito do início desse trabalho veio de quando eu passei a me perguntar sobre as famílias que não ficaram nos povoados ou aldeamentos que deram origem as comunidades que hoje se reconhecem como indígenas. E acredito não estarmos falando apenas da etnia Tremembé nessa região, pois em diversos períodos como os das secas ou até mesmo em função de conflitos, várias outras etnias do sertão ou das regiões serranas do Estado do Ceará buscaram abrigo no litoral. As pessoas se mudam, se casam, entram em conflito, vem e vão. Como estariam então os descendentes das famílias que não permaneceram nesses lugares onde historicamente há uma valorização de sua cultura e uma forte união política? E como essas pessoas elaboram suas identidades? Foi a partir daí que comecei a buscar algumas informações para preencher essas lacunas.

Algumas entrevistas da pesquisa foram realizadas quase que por acaso, em diversos momentos eu encontrava pessoas conhecidas na praia ou até mesmo no salão de beleza da minha mãe, que é cabelereira, e de uma conversa informal surgiam diversos pensamentos e possíveis contribuições para a pesquisa, o que depois se tornava uma entrevista.

Muito do que me foi dito conta uma versão pouco apresentada e que geralmente fica contida apenas dentro do ambiente familiar, e não é facilmente explicitado. São memórias dolorosas que envolvem revolta e angustia e que não tratam apenas do que foi vivido pelo interlocutor, mas também o que lhes foi transmitido por seus ancestrais. Sobre o sentimento e revolta derivado dessa expulsão me recorda muito a conversa que tive com Tereza em novembro de 2009, onde ela dizia que:

**Tereza:** Eu tô contando a história que eu vivi né, é minha história...

**Brisa:** e que bom que você gosta de falar sobre essa história e se dispôs a me contar.

**Tereza:** Eu gosto, né!? é minha história, da minha família, foi onde eu nasci e me criei e eu tenho muitas recordações boas e também ruins por que nós fomos ... tipo assim né, foram tomadas as nossas terras né, a nossa moradia nós saímos não é por que nos queria sair, foi porque nós não tinha mais condição de viver naquele lugar, ninguém podia se beneficiar daquilo que a gente tinha plantado, produzido né!? aí fomos se desgostando. Mas não que a gente quisesse sair de lá, é uma terra muito boa. (pausa) Hoje em dia onde era a casa do meu avô é um viveiro de camarão.

**Brisa:** Onde é a casa tem água no lugar agora?

**Tereza:** sim, é um viveiro. Se apossaram tudo de viveiro.

(...)

**Brisa:** E o que tu sentiria se um dia tu andasse lá, com toda essa transformação de um lugar que foi tão importante pra tu em um viveiro de camarão?

**Tereza:** (respira fundo) eu sinto que ... eu sinto tristeza. Porque ao invés de ter várias pessoas ali usufruindo do que era delas, hoje você vê uma coisa que tá favorecendo só aquela pessoa, né!?

**Brisa:** E em algum momento tu já viu tua família comentando sobre alguma revolta, sobre algum sentimento de tristeza por essa saída de lá.

**Tereza:** É eu vejo sempre eles dizendo “eu ainda poderiam tá lá” né, se não fosse esse momento que eles tiveram lá, de não ter mais direito a nada, do que eles tinham e isso causou neles uma revolta, mas que ainda poderiam está lá. Por que é como eu disse, a gente não saiu a gente foi bem bendizer colocado pra fora. E aí como nem era casa assim de tijolo, né, era taipa eles davam um valor qualquer e derrubavam a casa, pra ninguém mais morar ali. Por que o intuito deles era tirar as pessoas que moravam ali pra ficar com aquela terra e foi o que aconteceu. (conversa com Tereza, Novembro de 2019)

Podemos tentar entender que, dentro de uma região onde houve diversos conflitos entre índios e demais povoadores, se reconhecer como indígena nem sempre pode ser algo “muito bem visto” pelo restante da população, mesmo entre as comunidades com grande número de integrantes que se reconhecem índios; por exemplo, é muito comum o testemunho de que por um longo tempo essas comunidades tiveram que esconder suas identidades ou mesmo negá-las, muitas vezes até para sua própria proteção.

Janaína Fernandes (2013), em uma monografia realizada na região, trata mais precisamente sobre essa realidade dentro do povo Tremembé:

Narrativas orais contam muito sobre o tempo em que os Tremembé viviam com medo, sendo incapazes de assumir sua etnicidade. Tudo isso em razão dos conflitos pela terra, sendo que carregar a identidade de indígena era algo extremamente perigoso. (FERNANDES, 2013, p. 61)

Narrativas semelhantes parecem ser bem recorrentes não só na história da região, mas em contextos maiores que refletem a forma como a sociedade via, tratava e trata o indígena, a ponto de em muitos momentos ser preferível ou mais seguro que se esconda a sua própria origem para se manter a salvo ou em paz. Isso em alguma medida me lembra a reflexão de Veena Das (1999), quando ela coloca que em alguma medida silenciar e aguardar que a situação se transforme através do conceito de “trabalho do tempo”, também é uma forma de resistência.

Dentro do trabalho de campo é importante ser mencionado que muitos interlocutores mesmo reconhecendo que são indígenas ou tem ascendência, em muitos momentos eles hora parecem ainda não ter construído muito bem a forma como eles se veem a partir disso, hora alguns parecem estar certos de serem ou não tal como seus antepassados, indígenas. O que vejo como algo natural, pois a maioria deles nunca teve proximidade ou se quer conhece o movimento indígena ou mesmo foram apresentados a uma visão que perceba a indianidade como algo positivo, muito pelo contrário, a grande maioria foi exposta a ideia de que era algo negativo ter a chamada “parte com índio<sup>2</sup>”.

Além do mais, é interessante refletir que as pessoas não pensam suas identidades a todo momento, por isso os “momentos de crise” em que essa identidade é contestada ou mesmo é trazida para discussão são muitas vezes os momentos que esses grupos encontram para fazer o que João Pacheco de Oliveira (2004) chama de “viagem da volta”, que fala justamente de como populações indígenas que tiveram muito contato, a exemplo dos índios do Nordeste, e que antes muitas vezes mantinham essas identidades pouco comentadas, retornam a elas; sobre isso o autor acrescenta: “A ‘viagem da volta’ não é um exercício nostálgico de retorno ao passado e desconectado do presente (por isso não é uma viagem de volta)”, portanto, não se está falando que os grupos que passam por esse processo voltam ao passado, tentando reproduzir a vida de seus ancestrais tal como era antes do contato com o branco, mas que tais processos seriam marcados por um retorno à identidade indígena, sem que sejam esquecidos os inúmeros processos pelos quais esses grupos passaram. Como pode ser percebido até aqui e se evidenciará no decorrer da pesquisa, nem sempre momentos de crise possibilitam esse movimento, embora quase sempre que ele ocorra seja diante de um desses momentos.

A palavra *tapera* é comumente utilizada em diversas partes do Brasil para que se refira a uma casa, a uma construção em ruínas ou até mesmo uma casa pobre e

---

<sup>2</sup> É muito comum se referir desta forma na região a quem teria “parte do sangue” indígena, ou seja, a quem tem ascendência indígena.

construída com pouco recurso, como as construções feitas de barro (taipa) ou palha. Essas definições são inclusive bem aproximadas as que existem em dicionários que contêm a palavra. Há na região a história de um homem que costumava fazer versos improvisados, Sr. João Lino, e um desses versos dizia “se hoje é casa, amanhã pode ser tapera”.

Certa vez, estava no salão de minha mãe enquanto uma cliente mencionava a história de sua família, o que depois se tornou uma entrevista onde boa parte foi gravada. Essa interlocutora enquanto contava a trajetória de sua família também colocava em diversos momentos como seus parentes e as pessoas que residiam na hoje extinta comunidade de Cacimbas, a qual a mesma afirmava ser composta majoritariamente por famílias indígenas o que também é confirmado por algumas outras narrativas no campo, foram expulsas dos lugares onde viviam, colocando todos os aspectos envolvidos além das estratégias dos brancos que tomaram posse da localidade.

Durante essa narrativa, onde eram acessadas não só a sua própria experiência de vida, mas também a história que lhe foi contada por seus parentes mais velhos, ela falava sobre os locais onde residiam as famílias “lá onde é a tapera de seu fulano” se referindo a essas casas como se ainda existissem, pois ainda são presentes em sua memória. Inclusive no local mencionado pela interlocutora é bem possível que não haja sequer nenhuma das ruínas do que foram essas casas das pessoas que moraram em Cacimbas, pois a grande maioria do terreno onde antes ficava a antiga comunidade foi aplanado por tratores ou foi submerso em tanques gigantescos de fazendas de carcinicultura que se tornaram comuns em toda a região.

Tapera, pra mim essa palavra se tornou significativa e representante de alguma forma das lembranças e memórias dessa população, pois mesmo não existindo se quer as ruínas físicas nesse espaço que foi completamente modificado, o local ainda é muito lembrado e vivo pelo povo que foi expulso de lá.

Além de lidar com um processo de expulsão lento e cruel, são muito comuns os relatos de quem não só os que tomaram posse da terra os tratavam mal, mas também todo o entorno da cidade. Em uma ocasião inclusive isso é bem nítido na fala da interlocutora Tereza<sup>3</sup>, quando ela me disse que:

---

<sup>3</sup> Todos os nomes dos interlocutores foram trocados para evitar identificação e preservá-los de algum eventual transtorno.

**Tereza:** nós éramos barradas de entrar nos lugares do Centro, todas aquelas danceterias e tudo.

**Brisa:** Mas porquê? Eles diziam o motivo?

**Tereza:** Por que a gente era caboco<sup>4</sup>, a gente não tinha o que chamam de classe social.

(...)

**Tereza:** nós aqui, nós não tínhamos vez não, o povo das Cacimba. E mesmo elas (as tias dela) sendo muito bonitas, muito bem feitas elas não podiam entrar.

**Brisa:** Tu ainda morava lá quando aconteciam as desapropriações?

**Tereza:** Morei. Ele chegou comprou a terra né?

**Brisa:** Comprou de quem?

**Tereza:** Do Sr. Zé Rubi.

**Brisa:** E antes dele?

**Tereza:** Antes dele era os Louzada, eles foram os primeiros, aí ele morreu (primeiro branco que se apossou da terra onde ela e a família residiam) e ficou com o Mudesto e ele vendeu pro seu Zé Rubi. Aí do tempo do Mudesto pra cá foi que veio essa coisa né?! De você não poder tirar um coco, comer um caju. Você era uma pessoa ali que morava ali, mas tinha que fazer o que eles queria né!?

(nesse momento meu pai que também estava na conversa e também conhece bastante da história da região complementa)

**José:** Ele não expulsou ninguém assim falando, ele esperou eles não aguentar mais. Venceu só no cansaço.

**Tereza:** Foi, se você não fizesse o que ele queria, você não ficava naquela propriedade né!?... Sendo sua né! Sendo sua! Porque nós nascemo lá. Nós nascemo lá, construimo, então eu acho que a gente tinha direito. Eles chegaram depois.

(...)

**Tereza:** A minha mãe fala né, que esses primeiros que chegaram lá no povoado eram muito bons, a dona maria Louzada era muito caridosa, dava roupa, comida, mas aí depois que o velho morreu e ficou o Mudesto ele queria fazer da nossa gente escravo. Ele um dia teve uma briga com uma tia minha porque queria que os filhos dela fossem botar agua pra ele tomar banho, e ela disse “meus fi não vão, eles não são teu empregado, eu sei que teve uma confusão por isso... porque ele se achava o barão né!? E ele queria que todo mundo fosse sujeito a ele, por que nós morava na terra dele. Que a terra não era dele, a terra era nossa, porque nós chegou lá primeiro. A terra era nossa, agora eles invadiram, né!? Assim como os portugueses, né. Os europeus. Eles que invadiram nossas terras, não foi nós que invadimos.

**José:** ele andava com um 45 (se referindo a uma arma de fogo) dentro de um corcel 71... era barão. (conversa com Tereza, Novembro de 2019)

---

<sup>4</sup> Na região se utiliza Caboco e não cabloco quando se quer referir a uma pessoa de ascendência indígena ou “misturada”, como também é muito comum ser dito.

Os relatos de campo são fortes e ilustram algumas das dificuldades vividas por essa população, que além de todas as dificuldades tinha que lidar com uma situação de extrema exploração. Em diversos momentos, Tereza coloca o quanto suas produções eram todas levadas pelo capataz armado da família branca que se apossou das terras onde ela vivia. O que temos é uma narrativa que mostra como gerações da família dela e de diversas outras foram exploradas desde a chegada dos brancos na região e as gerações que vieram em seguida a esses primeiros dominadores, que segundo ela em um primeiro momento “eram bondosos” davam roupas e comida além de terem realizados melhorias na comunidade como a construção de uma cacimba de alvenaria o que os auxiliou na obtenção de água.

Infelizmente onde Tereza a partir da narrativa de seus avó e bisavós enxerga bondade percebo uma velha estratégia colonial sendo aplicada naquela população. Esses primeiros que eram bondosos, puderam fixar moradia e ganhar a confiança desse povo, abrindo caminho para as gerações que já tinham esse domínio estabelecido, como a geração de Mudesto de quem ao longo da entrevista são contadas diversas atrocidades.

Como é dado a entender aparentemente antes as terras da região eram como diz um dos interlocutores “terras libertas”, ou seja, terras sem dono onde se podia construir em qualquer lugar desde que não se interferisse na plantação ou na casa dos outros. Sobre essa questão nós temos a fala de seu Geraldo de 94 anos que em 2017 me disse sobre a construção de sua casa:

Essa terra aqui era liberta né, todo mundo que chegava fazia uma casa, hoje tá mais assim por que...você sabe como é né? Mas de primeiro, eu fiz essa casa aqui em cima dum morro maior que essa casa. Espanei a areia todinha, nunca ninguém disse nada. Mas hoje, se o camarada vai cavar um buraco num pedaço de terra, sempre chegar um e diz ‘rapaz num cava isso aí não que é meu’. (Conversa com seu Geraldo, Agosto de 2017)<sup>5</sup>

O que seu Geraldo descreve é sobre quando ainda havia “terras libertas” na região, o que ainda era comum e vigente mesmo na época em que se casou (há aproximadamente 70 anos), afirmando que construiu a casa em um lugar onde a terra ainda não tinha proprietário; mais adiante, ele e a esposa descrevem a chegada de uma família que, no passado, se alojou em um local hoje conhecido com Papagaio e tomou posse de uma extensa quantidade de terras e que depois disso fez-se necessária a compra ou a autorização prévia para que se construísse na área, onde já haviam muitas famílias.

---

<sup>5</sup> Entrevista com Seu Geraldo em Espriado, no mês de agosto de 2017.

Seu Geraldo reside em uma outra comunidade próxima de onde era Cacimbas e também assim como sua esposa, Carmem, reconhecem que haviam indígenas na região e que eles próprios ascendiam destes.

## E OS EXPULSOS? PRA ONDE FORAM?

Quando eu fui membro do Laboratório de Estudos da Violência da Universidade Federal do Ceará – LEV/UFC, onde era orientada pelo professor Leonardo Sá, me recordo dele falando em uma ocasião onde eu mencionei ser de Acaraú, que durante o campo de suas pesquisa sobre as guerras nas favelas a beira mar de Fortaleza e sobre o “bichão” na favela, ou seja, as pessoas mais perigosas e por isso mais respeitadas e temidas, era muito comum a narrativa de que elas seriam originárias de famílias do interior do Ceará, onde Acaraú seria uma das cidades citadas e que constantemente era mencionada que eles teriam ascendência indígena. A seguir um trecho da tese do Professor Leonardo Sá (2010) onde esses aspectos são mencionados:

Bebeto reconhece uma ancestralidade indígena e afirma que o estilo de vida desenvolvido por eles desde o tempo da Ibioara é tributário da vida das comunidades indígenas do qual são descendentes pela memória, por ouvir o falar de sua avó sobre essa herança, e pelo sangue, pelo reconhecimento dos laços de sangue com a matriz indígena do Ceará, sem que isso resulte numa identificação específica com alguma das nações, apesar de referências específicas aos povos de Acaraú, Camocim, Caucaia, Mundaú, Almofala, e alusões aos Tremembé, Tapeba, Tapuio, Pitaguary e Potiguara. Mas o traço de identificação passa pelo reconhecimento do “sangue de índio” das famílias de pescadores da Ibioara. (SÁ, Leonardo Damasceno. 2010, p. 216)

Bebeto afirma ainda que antes de habitarem o Serviluz, eles habitavam uma praia, a qual ele chama de Ibioara, lá indígenas de diversas partes do Ceará se refugiavam, provavelmente dos mesmos processos descritos por Tereza. A diante temos um outro trecho do trabalho do professor Leonardo Sá (2010) que nos remete a essa narrativa:

Esse pertencimento à ancestralidade indígena é reputado em termos de estilo de vida mantido como uma forma de resistência cultural às mudanças impostas pela ordem da metrópole de Fortaleza à comunidade da Ibioara. A resistência, segundo Bebeto, funcionou pela criação de uma imagem. “A gente criou uma imagem e dentro dessa imagem a gente vê que é diferente de vários outros cantos de Fortaleza”. Essa imagem é o fundamento de um orgulho local referenciada na memória de resistência da Ibioara. Os de dentro e os de fora da comunidade do Titanzinho, comunidade herdeira da Ibioara, estão relacionados de modo desigual. Ou seja, reconhece-se que na ordem da cidade de Fortaleza, a Ibioara rendeu-se, ou foi rendida, à ordem da “favela”, do estigma, do preconceito e do racismo que aponta o lugar da favela como uma marca negativa de identificação. (SÁ, Leonardo Damasceno. 2010, p. 216)



Desse trecho acho que uma das principais coisas que poderemos trazer para reflexão é sobre o quanto mesmo dentro de uma metrópole que é hoje uma das maiores cidades do Brasil, essa memória indígena ancestral e a história dessa ida para Fortaleza permanece não só sendo contada, como também parece ajudar a constituir de alguma forma a identidade dos jovens do Titanzinho e a partir daí ser um ponto de apoio a sua resistência.

O Titanzinho é localizado Bairro Serviluz também conhecido como Cais do Porto que como já foi dado a entender se localiza em Fortaleza. Segundo dados da prefeitura de Fortaleza que estão contidos no anuário do Ceará, entre 2019 e 2020 o IDH do bairro é de 0,224 valor absurdo principalmente quando se compara a outros dados dentro da mesma cidade onde a média de Fortaleza é de 0,732, que entre as capitais do país já é o 4º pior índice. Já comparando a bairros considerados nobres de Fortaleza como o caso do Meireles, por exemplo, a situação fica ainda mais gritante pois nesse bairro o índice é de 0,953 que é um IDH quase perfeito e ultrapassa os valores inclusive de países como a Suíça.

Depois de realizada essa comparação, eu gostaria de trazer mais uma fala de Tereza, que traz uma história muito parecida com a que foi narrada por Bebeto no Titanzinho, acredito inclusive que se trate da mesma história:

**Brisa:** De quem tu te lembra que morava lá também, quem tu acha assim que também possa me falar sobre esse tempo?

**Tereza:** tem muita gente. O povo que saiu de lá. Só que a maioria foi pra Fortaleza pra um bairro chamado Serviluz. Primeiro eles invadiram uma praia que era a praia mansa.

**Brisa:** Aonde essa praia? Lá em Fortaleza?

**Tereza:** Lá em Fortaleza. É onde hoje tem até um local lá onde se faz festa, é ali já no fim do cais do Mucuripe, aí invadiram lá, era uma praia.

**Brisa:** Todo mundo era de ... a maioria do pessoal era das Cacimbas?

**Tereza:** Era, aí dessa praia mansa eles foram pro Serviluz, fizeram as casinhas deles no Serviluz. E ainda hoje eles tão lá.

**Brisa:** Mas a maioria dos que tu lembra foi pra lá?

**Tereza:** E tem aqui nas Pedrinhas (bairro da cidade de Acaraú). Uma boa parte nas Pedrinhas.

**Brisa:** Tu lembra o nome de alguém?

**Tereza:** lembro, foi muita gente pras Pedrinhas de lá. Agora a minha tia de 91 anos vai saber te contar melhor como era e quem são<sup>6</sup>. (conversa com Tereza, Novembro de 2019)

Muito possivelmente, a região de Acaraú não foi a única a passar por um processo semelhante, onde fugindo da escravidão e de maus tratos, diversas famílias com ascendência indígena podem ter migrado do interior para a capital. O que essas duas narrativas nos mostram é que a mesma população continua sendo dominada e vivendo em situações precárias a tantas gerações.

A guerra continua e nunca parou, nem para os que permaneceram em suas terras, nem para os que buscam demarcação, muito menos para os que saíram para lugares próximos ou para formar favelas em grandes centros urbanos. Essa guerra que se iniciou com a chegada europeia no Brasil ainda vitima e ainda mata, seja na Amazônia ou nas periferias do Nordeste. Como dissemos no começo, estamos diante de uma guerra que nunca foi cessada e que embora seja invisível para muitos, ainda tem consequências catastróficas e coloca em condições precárias de vida muitos dos verdadeiros primeiros donos das terras desse país.

## CONCLUSÃO

Aqui temos apenas uma pequena parte de todas as informações que eu tenho tido contado fazendo campo na cidade onde eu cresci. São entrevistas conversas e informações fortes que me foram confiadas por meus interlocutores, reponsabilidade que cresce mais ainda por que a grande maioria deles me conhece desde a infância.

Pelos diversos fatores aqui mencionados e por uma realidade histórica ainda mais profunda, as pessoas ainda tem medo de falar da história coletiva da cidade, além de suas próprias que também em alguma medida se conectam com essa história mais geral. Há quem pense que o tempo dos barões já passou, mas assim como a forma de algumas famílias serem exploradas mudou, o explorador também maquia sua cara e continua dentro das mesmas famílias da região. Hoje são políticos, empresários e membros de famílias “tradicionais”, que realmente parecem levar velhas tradições a diante.

---

<sup>6</sup> Infelizmente não pude visitar a tia de Tereza por conta da Pandemia na qual ficamos inseridos no ano seguinte a esse conversa.

Ainda assim, muitos continuam resistindo pelo silêncio, pedindo que a pesquisadora desligue o gravador enquanto se fala sobre outras famílias que não escolheram “vencer pelo cansaço”, mas que tomaram a terra de seus donos originários na força da bala, matando diversas famílias. Cacimbas hoje é viveiro de camarão e algumas outras comunidades extintas são cemitérios “secretos”.

Ao leitor eu digo que apesar de estar inserida no meio acadêmico e ter também uma função dentro da minha carreira acadêmica, esta pesquisa traz em suas entrelinhas uma vontade de levar essas histórias a diante e assim de alguma forma devolver um pouco dos ensinamentos preciosos que me foram confiados.

Como Acarauense sou filha dos dois lados, de uma parte branca que se apossou de terra com gente morando dentro e que pelos percalços da vida foi uma das poucas que não se manteve rica e sou também parte dos explorados, dos pescadores e dos servos e nesse momento o trabalho também passa a ser sobre mim.

Acho que é interessante ser mencionado que nos últimos dois anos, em paralelo como essa pesquisa foi realizado um trabalho junto as escolas da região que buscava refletir sobre a identidade do nosso povo, estimulando principalmente adolescentes do ensino médio que busquem conhecer suas raízes e lutar contra esses velhos silenciamentos. Até o dia em que escrevo essa conclusão, já foram visitados quase 15 colégios de Acaraú e cidades vizinhas, onde realizei palestras e rodas de conversa com os alunos que tem se mostrado curiosos e interessados em aprender com essas narrativas.

## REFERÊNCIAS:

ALEGRE, Maria Sylvia Porto. Cultura e história: sobre o desaparecimento dos povos indígenas. **Revista de Ciências Sociais**, Fortaleza, v. 23/24, n.1/2, p. 213-225, 1992/1993.

ANUÁRIO DO CEARÁ- 2020.2021. [online] Disponível em: <https://www.anuariodoceara.com.br/indice-bairros-fortaleza/>

ARAÚJO, Nicodemos. **O município de Acaraú**. Gráfica do Jornal “O Acaraú”. Acaraú, 1940.

ARAÚJO, Maria Souza de. **Contribuição indígena Tremembé no processo de formação socioespacial do Ceará.** Dissertação apresentada ao Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú, Sobral, 2015.

ARRUTI, José Maurício Andion. **A árvore Pankararu: fluxos e metáforas da emergência étnica no sertão do São Francisco.** In: OLIVEIRA, João Pacheco de. (org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa / LACED, 2004.

BARTH, Fredrik. **O guru, o iniciador e outras variações antropológicas.** Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2000.

SILVA, Isabelle Braz Peixoto da. **Vilas de índios no Ceará grande: dinâmicas locais sob o diretório pombalino.** Campinas-SP: Pontes Editores, 2005.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito: estudo de caso sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida.** 34. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2001.

CAVIGNAC, Julie Antoinette. Desvendando o passado índio no Sertão: memórias de mulheres do Seridó sobre as cablocas-brabas. **Revista vivência, CCHLA**, v. 1, n. 28, p. 145-157, 2005.

CERQUEIRA, Adriana Borges. **Narrativas tapuias como fonte histórica: identidades, discurso e memórias.** 2008. I Seminário de Pesquisa da Pós-Graduação em História UFG.

CONNERTON, Paul. **Como as sociedades recordam.** Tradução de Manuela Rocha. 2. ed. Oeiras: Celta Editora, 1999.

CUNHA, Manoela Carneiro da. **Cultura com aspas e outros ensaios.** São Paulo: Ubu Editora, 2017.

DAS, Veena. Fronteiras, violência e o trabalho do tempo: alguns temas wittgensteinianos. *Rev. bras. Ci. Soc.* 1999.

FERNANDES, Janaína Ferreira. Do profano ao sagrado: um estudo de caso a partir dos discursos sobre o Torém entre os Tremembé de Almofala. **Cadernos do LEME**, Campina Grande, v. 5, n. 1, p. 107-125, jan./jun. 2013.

FERNANDES, Janaína Ferreira. **Falar para sobreviver:** o Torém e o processo de reelaboração étnica dos Tremembé de Almofala. Monografia apresentada à Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2013.

GOFFMAN, Erving. **Estigma:** notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Editora LTC, 1988.

KRENAK, Ailton. Entrevista. In: GUERRAS do Brasil.doc. As guerras da conquista. Direção de Luiz Bolognesi. São Paulo: Buriti filmes, 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Tradução de Bernardo Leitão *et al.* 5. ed. Campinas-SP: Unicamp, 2003.

LIMA, Deborah de Magalhães. **A construção histórica do termo caboclo:** sobre estruturas e representações sociais no meio rural amazônico. Repositório UFPA. Disponível em: <<http://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/107>>. Acesso em: 17 out. 2017.

MAGALHÃES, Eloi dos Santos. **Aldeia! Aldeia!** A formação histórica do grupo indígena Pitaguary e o ritual do toré. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2007.

MESSEDER, Marcos Luciano Lopes. **Etnicidade e diálogo político:** a emergência dos Tremembé. Dissertação de Mestrado em Sociologia de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 1995.

OLIVEIRA, João Pacheco de. (Org.). **A viagem da volta:** etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / LACED, 2004.

\_\_\_\_\_. **O nascimento do Brasil e outros ensaios:** “pacificação”, regime tutelar e formação e alteridades. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

\_\_\_\_\_. **Os caxixós do capão do Zezinho:** uma comunidade indígena distante das imagens da primitividade e índio genérico. In: Reconhecimento étnico em exame: dois estudos sobre os Caxixó. Rio de Janeiro: Contracapa Editora, 2003.

\_\_\_\_\_. **Uma etnologia dos “índios misturados”?** Situação colonial, territorialização e fluxos culturais. In: A viagem da volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena. 2. ed. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria / LACED, 2004.

\_\_\_\_\_. **As mortes indígenas na formação do Brasil:** o indianismo, a formação da nacionalidade e seus esquecimentos. *In:* O nascimento o Brasil e outros ensaios: “Pacificação”, regime tutelar e formação e alteridades. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2016.

OLIVEIRA, João Pacheco de; SANTOS, Ana Flávia Moreira. **Reconhecimento étnico em exame: dois estudos sobre os Caxixó.** Rio de Janeiro: Contracapa Editora, 2003.

PINHEIRO, Joceny de Deus. Iracema, a virgem dos lábios de mel: negação e afirmação da indianidade no Ceará contemporâneo. **Gis – Gesto Imagem e Som**, São Paulo, v. 1, n. 1, 2016.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTO ALEGRE, Maria Silvia. Rompendo silêncio: por uma revisão do “desaparecimento” dos povos indígenas. **Revista ethnos**, v. 2, n. 2, jan./jun. 1998.

ROSA, Francis Mary Soares Correia da. A invenção do índio. **Espaço Ameríndio**, v. 9, n. 3, 2015. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/EspacoAmerindio/article/view/58523>>. Acesso em: 17 out. 2017.

SÁ, Leonardo Damasceno. **Guerra, Mundão e Consideração:** Uma etnografia das relações sociais dos jovens no Serviluz. Tese de Doutorado em Sociologia. UFC, Fortaleza. 2010.

SAMPAIO, José de Augusto Laranjeiras. **Etnicidade e organização social e política entre povos indígenas contemporâneos no nordeste do Brasil:** o caso Kapinawá. Projeto de Pesquisa para Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. IFCH – Unicamp, Campinas, 1986.

SANTOS, Ana Flávia Moreira. **“A história tá é ali”:** sítios arqueológicos e etnicidade. Laudo antropológico. *In:* Reconhecimento étnico em exame: dois estudos sobre os Caxixó. Rio de Janeiro: Contracapa Editora, 2003.

SILVA, Isabelle Braz Peixoto da. **Vilas de índios no Ceará Grande:** dinâmicas locais sobre o diretório pombalino. Tese de doutorado apresentada à Universidade de Brasília (UnB), Brasília, 2003.

URIARTE, Urpi Montoya. **O que é fazer etnografia para os antropólogos**. Ponto Urbe. 2012. Disponível em: <<http://pontourbe.revues.org/300>>. Acesso em: 30 set. 2016.

VALLE, Carlos G. O. Experiência e semântica entre os Tremembé do Ceará. In “A viagem da volta”, João Pacheco de Oliveira (org.). 2. ed. Contra Capa Livraria / LACED, 2004.

VIEGAS, Suzana de Matos. Índios que não querem ser índios: etnografia localizada e identidades multi-referenciais. **Etnográfica**, v. 2, n. 1, 1996.

XAVIER, Maico Oliveira. **Cabôcullos são os brancos**: dinâmicas das relações sócio-culturais dos índios do Termo da Vila Viçosa Real – Século XIX. Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, 2010.